

PERCEÇÃO DOS EFEITOS DO RACISMO SOFRIDO POR ATLETAS NEGRAS DE BASQUETEBOL NO AMBIENTE ESPORTIVO SOBRE SUAS CARREIRAS E VIDAS PESSOAIS

Palavras-Chave: RACISMO, MULHER NEGRA, VIVÊNCIAS

Autores(as):

Giovanna Germano, FCA – Unicamp

Me. Bartira Pereira Palma (co-orientador(a)), FEF - Unicamp

Prof^ª. Dr^ª. Larissa Galatti (orientador(a)), FCA - Unicamp

INTRODUÇÃO

As interações sociais humanas desde os primórdios da colonização brasileira consistem em relações de poder, na qual um grupo de indivíduos com características semelhantes entre si, subjugam os outros grupos, discriminando-os por conta de algum aspecto em comum, pré-estabelecidos ante qualquer contato inicial (SILVA; CRELIER; SOARES; SILVA JUNIOR 2016). Essa subjugação afeta a cultura dos povos oprimidos que por esse processo foram inferiorizadas e suprimidas, sustentando essa relação de subalternidade e influenciando o seu reconhecimento perante a sociedade. (decolonialidade, referência). O preconceito propriamente dito consiste como, “uma ação discriminatória e impeditiva dirigida contra um grupo ou toda uma coletividade de indivíduos que se identificam por características de cor, sexo, religião e cultura” (SILVA; CRELIER; SOARES; SILVA JUNIOR 2016, p. 63). Nesse sentido o racismo constitui um aspecto estruturante da sociedade, que compõe e organiza as relações econômicas, políticas, culturais e sociais (ALMEIDA, 2018), apoiando-se no embranquecimento e na desvalorização da cultura do povo preto para subjugar o imaginário social, moldando assim as diretrizes sociais aceitas.

Segundo Almeida (2019) o racismo constitui uma visão sistemática de inferioridade intrínseca em constante desenvolvimento, em razão disso é necessário elucidar esses conceitos para não utilizá-los equivocadamente. A concepção individualista, é tida como uma forma comportamental de expressão do racismo, “[...] ressaltando a natureza psicológica do problema em detrimento de sua natureza política.” (ALMEIDA 2019, p. 36); a concepção institucional por outro lado tem como foco principal a relação de poder e dominação, que “[...] moldam o comportamento humano, tanto do ponto de vista das decisões e do cálculo racional, como dos sentimentos e preferências.” (ALMEIDA 2019, p. 39), formulando regras e impondo padrões sociais que conferem vantagens e/ou privilégios com base na raça; por fim a concepção estrutural, que rege e influencia as outras supracitadas, tem fundação na estrutura social, decorrente de um processo político e histórico de formação e articulação social, ou seja, “Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (ALMEIDA 2019, p. 50).

O esporte, como uma instituição da sociedade não se isenta dos preconceitos por ela impostos, e desde sua criação se constituiu uma prática esportiva direcionada para homens brancos de classes mais altas, pois em seu início era uma atividade recreativa que não permitia salário aos praticantes, o que dificultava o acesso das mulheres e das classes mais baixas da sociedade (GOELLNER, 2008). Por conseguinte, essa estruturação privilegiou a homens brancos na participação esportiva nos diversos âmbitos apresentados, visto que “ a prática esportiva é um campo de disputa política no qual se configuram e se reproduzem as mais diferentes relações de poder e hierarquias sociais em que o corpo feminino, inferiorizado e racializado, torna-se o alvo central.”(Rubio, Fetter; 2021, p. 63) em seus mais diversos âmbitos, conferindo às mulheres menos oportunidades de prática de esportes.

Para compreender em sua totalidade a forma na qual as mulheres se relacionam com o esporte é necessário compreender, “[...] esses outros marcadores sociais, que atuam de forma interseccional, formando não apenas outras identificações possíveis, mas interpelando discursos e sujeitos para as práticas sociais de forma distinta.” (MARTINS; SANTOS; VASQUEZ 2021, p.3), ou seja, o modo no qual as mulheres negras se relacionam com o esporte resulta em uma experiência diferente do que mulheres brancas por exemplo, pois a cada marcador social adicionado a equação teremos uma vivência diferente. Assim dizendo, é inevitável a desvinculação da raça a outros marcadores sociais pois “ [...] tem gerado uma miopia analítica que ignora as particularidades das relações de poder[...] .” (MARTINS; FERREIRA; SANTOS; DELARMELENA, 2021, cap. V, p. 96), reforçando essa arbitrariedade institucionalizada nas instituições esportivas, utilizadas também nas condições de acesso e permanência dessa prática.

Há uma disponibilidade de estudos sobre o racismo em diferentes contextos esportivos, como proveniente de gestores, diretores e principalmente da torcida (ABREU; SILVA, 2016; CRELIER et al., 2016; GOULART et al., 2019), assim como o enfoque está majoritariamente no ato em si ou nas repercussões, mas raramente encontramos estudos que tratam do racismo com atletas no basquete e até mesmo outras modalidades esportivas, exceto no futebol masculino que tem o protagonismo nos estudos, pouco se tem acesso a perspectiva desses atletas que adentraram essa estrutura, assim como a interseccionalidade das experiências coletiva e/ou lutas sociais, que eles enfrentaram. A lacuna de estudos em diferentes nichos populacionais, dificulta a visualização real do problema, assim como inviabiliza o enriquecimento do saber e o planejamento de estratégias eficazes que visem diminuir e/ou solucionar esses problemas, proporcionando reformas sociais embasadas e a transgressão das populações marginalizadas. O ambiente de treino e competição, assim como os desdobramentos enfrentados por quem sofre essa violência são tópicos pouco investigados ainda. Dessa forma, esta pesquisa pode contribuir para a reflexão e proposição de ações em prol de um ambiente esportivo mais justo, igualitário e saudável para meninas e mulheres negras.

METODOLOGIA

Lima (2018) defende que o estudo qualitativo tem caráter exploratório e visa de forma retrospectiva, o entendimento dos fatos a partir das perspectivas das atletas entrevistadas. As participantes foram duas atletas da categoria adulta (23 anos ou mais) ou ex-atletas profissionais de basquetebol que se identificam como negras, intencionalmente escolhidas baseadas na sua auto identificação como uma mulher preta, que tenham chegado a atuar pelo menos uma temporada em um campeonato profissional de basquetebol regional ou nacional (organizado por

uma federação ou associação esportiva e reconhecida pelas federações nacionais e/ou Confederação Brasileira de Basketball), e/ou participaram de seleções nacionais ou participaram de campeonatos internacionais da modalidade.

Procedimentos

As atletas foram identificadas por meio de listas e cadastros públicos de atletas nos sites das federações, clubes e campeonatos de basquetebol profissional. O contato com as atletas foi realizado inicialmente por meio de redes sociais, após isso um contato pessoal foi solicitado para que os detalhes sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa fossem explicados e dúvidas sanadas. Então, as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos e foram submetidas a uma entrevista semi-estruturada. As entrevistas foram conduzidas em plataforma de videoconferência, as imagens e som gravados e transcritos verbatim para análise e o roteiro da entrevista foi construído com questões abertas abordando a trajetória esportiva das voluntárias, destacando situações de racismo enfrentadas e as suas consequências.

Análise dos Dados

Os dados que foram obtidos através das entrevistas foram tratados pela análise temática de Braun e Clark (2016), sendo este um método utilizado para identificar, descrever e interpretar padrões de significados de dados qualitativos (Lima, 2018), em seis fases: 1. *A familiarização com os dados*; 2. *A codificação*; 3. *Em busca dos temas*; 4. *Rever os temas*; 5. *Definir nome para os temas* e 6. *Escrevendo o relatório*. A análise contemplou elementos latentes, como o entendimento das experiências expressas implicitamente na narrativa das atletas e semânticos, caracterizados como os significados expostos explicitamente na fala das voluntárias.

RESULTADOS

É evidente que a construção da sociedade influencia substancialmente no desenvolvimento e na percepção subjetiva dos acontecimentos na vida das pessoas, portanto visando investigar as percepções de atletas negras de basquetebol acerca do racismo sofrido durante a sua trajetória na modalidade, e os efeitos conscientes ou inconscientemente suportados em sua formação esportiva, foram elaborados, segundo análise temática, 4 temas: Dificuldade de percepção do racismo; Reprodução das estruturas da sociedade; Reações às violências; e por fim a Consciência da diferença racial; que abrangem e orientam essa investigação, organizando a presente seção a partir desses temas.

1. Dificuldade de Percepção do Racismo

Esse tema descreve a dificuldade de enxergar o racismo, quando este não é manifestado explicitamente, na sua trajetória, as micro agressões infligidas a elas perpetuaram, tão sutis na sua expressividade quanto enraizadas, que passaram despercebidas para as atletas, pois foram baseadas no imaginário social, que trata com naturalidade essas violências, dificultando a sua identificação, conforme demonstra Carla, ao dizer “Eu tive alguns incidentes mas não necessariamente por causa de raça”, sem perceber que citava esses pontos como coisas de jogo, tratando como algo normal do ambiente. Essa forma de racismo é menos visada pois atua dentro de uma certa legalidade na sociedade, e age nas entrelinhas das ações e falas dos preconceituosos, seja de maneira consciente ou inconsciente, “Eu tinha acabado de chegar, não conhecia ninguém [...] Não recebia mensagem de quando elas iam arremessar, faziam um grupo e não me chamavam.[...] não, que eu não ligava na época, mas agora que eu olho eu falo, tipo

assim.”. Além disso, esse tema ainda abarca não somente relatos no qual as entrevistadas não perceberam o racismo, assim como também elas próprias relataram que, posteriormente, conseguiram entender essas situações como a Maria Eduarda afirmou categoricamente “E eu nunca achei assim, crescendo, nunca me atentei tanto [...] comecei a observar e olhar para trás. Com a minha experiência e falar, nossa, nunca tinha percebido isso”.

2. Reprodução das Estruturas da Sociedade

Nesse tema é retratado que mesmo após a constatação do preconceito, entra em ação a outra parte dessa complexa construção social, a normalização de atos de racismo, também por parte da vítima, conforme Maria Eduarda relata “mas eu nunca fui confrontar ela de porque sempre fica na cabeça assim a gente comentava, mas vai fazer o quê?”, o receio da retaliação e a conformação com esses episódios, “mas eu falo, não vale a pena às vezes comprar uma briga dessas, eu acho que naquele momento eu não ia ganhar nada” embasada pelo imaginário social moldado, que prega o mito da democracia racial, desestimulando o questionamento, a denúncia e a busca por respeito e igualdade, pois quando o fazem são desacreditados e criticados. As atletas reproduzem falas e comportamentos condicionados acerca de como se portar ante essas situações exibindo um certo “padrão” ensinado ao longo de sua formação

“Ah, porque é bem chata a situação, a gente não tinha muito o que fazer, né? Aí não adianta. Não ia adiantar responder na hora e tal, a gente estava até com medo de de responder e dar algum problema depois do jogo, tentar não deixar a gente ir embora, [...] ganhamos o jogo, pegamos as coisas, todo mundo foi embora o mais rápido possível.”. (Carla).

3. Reações às violências

Aliado a essa reprodução, esse tema expõe as maneiras de reação a essas situações, é possível enxergar dentro desses relatos formas de enfrentamento ao racismo, no que tange principalmente aos sentimentos das vítimas, enfatizado por Carla quando relata “Ah, a gente ria sobre, né?”; “Mas assim a gente tenta levar na risada, tenta conversar mas acontece”, ou por Maria Eduarda “[...] então eu acho que talvez tenha tivesse medo de falar alguma coisa [...]” ou seja, adotam mecanismos, influenciados pela sociedade, para lidar com o racismo, que as auxiliavam a seguir em frente, porque para além de padrões de comportamentos externos, às estruturas sociais às influenciam, impondo barreiras que potencializam a cansativa jornada de mascarar sentimentos “Eu conversava com essa amiga na minha primeira faculdade, mas com ninguém, não, ninguém do meu time.”.

4. Consciência da Diferença Racial

O último tema, consiste na percepção da diferença de tratamento oferecido entre as atletas negras e brancas, um entendimento da disparidade a qual eram submetidas “[...] era mais tipo assim, no dia a dia, que dá para perceber a diferença no treino, em viagem e tudo mais”(Carla), e na maior permissibilidade aos pedidos de algumas atletas, pois o racismo institucional imprime ações baseadas na estrutura da sociedade e fundamentadas no imaginário social, que causa danos igualmente dolorosos, dificultando credulidade da ocorrência desses atos, sejam eles praticados por atletas, comissão técnica, torcedores, etc, como cita Carla “Ah conversar, conversa, mas era tipo desconversa, falava que não era assim, falava que as coisas que a gente pedia estava um pouco longe do que podia ser feito”.

Algumas situações de micro agressões, principalmente “institucionalizadas”, a partir do momento no qual as atletas passaram a entender essas ações, apesar de uma conquista,

considerando o processo de crescimento e desenvolvimento que foram submetidas e a todas as influências externas que auxiliaram na sua formação, ainda normaliza muito essas questões e/ou estão tão acostumadas com esse processo, seja pela recorrência vivenciada por elas ou pessoas próximas, seja pelo próprio processo de normalização imposta pela estrutura social vigente que não questionam, não buscam essa mudança por desacreditar que qualquer ato delas resulte em mudança.

CONCLUSÕES

Muito das afirmações sobre não ter mais racismo no Brasil ou dentro do esporte em si ocorrem em função do nível de expressão que esses atos são feitos, ofender ou agredir física ou verbalmente pessoas pretas causa um impacto muito maior, em termos de visibilidade, do que excluir essas mesmas pessoas do convívio social e é nesse ponto que o racismo estrutural fere muitas pessoas sem alarde, como não é um “espetáculo” dificilmente é reconhecido e validado, se transformando em mais uma constante luta que as pessoas pretas são submetidas. Conscientizar a sociedade, as instituições e seus respectivos agentes através da implementação de programas educativos antirracismo que visam prevenir essas ocorrências, atrelado a políticas institucionais que, por meio de estudos que validem essas variadas expressões do racismo também na instituições esportivas, e divulguem os efeitos causados, também para proteger as vítimas e punir os agressores, essas formas podem auxiliar na diminuição de violências do racismo dentro desse ambiente, possibilitando uma forma mais acolhedora e menor pressão na carreira dessas atletas.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Rodrigo da Silva; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. Tua Cor é o que Eles Olham: Racismo e a Cena Futebolística. **REDE-A**. v.6, nº1, p. 1-14, (jan-jun) 2016.
- ALMEIDA, Silvo Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.
- GOELLNER, Silvana Vilodre, “As Mulheres Fortes são Aquelas que Fazem uma Raça Forte”: Esporte, Eugenia e Nacionalismo no Brasil no Início do Século XX. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Porto Alegre, v. 1, nº1, p. 1-28, (jun) 2008.
- GOULART, Victor Rodrigues; SILVA, Walan Robert da; MEDEIROS, Thiago Emmanuel; CARDOSO, Fernando Luiz. Atletas de Diferentes Modalidades Esportivas Com Cor da Pele Preta Têm Menor Autoestima Independentemente de Seu Status de Atleta. **Pensar a Prática**, Goiânia. v. 22. 51920, p. 1-10. (Jun), 2019.
- LIMA, L. A. **Carreira Esportiva: um estudo com atletas de excelência**. 2018. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação Física , Biodinâmica do movimento e Esporte) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2018.
- MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**. v. 27. e 27006, (jan), 17 2021.
- RUBIO, Katia; FETTER, Julio. **Mulheres e Esporte no Brasil**. Laços, São Paulo 2021.
- SILVA, Luiz Felipe Roque da; CRELIER, Catia Malachias Silva; SOARES, Raphael Almeida Silva; SILVA JUNIOR, Aroldo Evangelista da. Aspectos Relevantes Sobre o Racismo e a Injúria Racial no Esporte: Caminhos de Desconstrução. **REDE-A**, Local de publicação, vol.6,nº1, p. 60-67, (jan-jun), 2016.